



POEMA DO RIO

(Para Aldenora Fernandes)

Marcus Vinicius¹

De repente ela
Se olhava de si para si
Enquanto as lembranças eram
Ensaboadas pelas memórias
Das lavadeiras do rio Mossoró...

Passa pedra sabão,
Lava o roupão e as ceroulas do coronel!
O vestido da sinhá,
A roupa estendida no quarador para ganhar cheiro
E o dinheiro do pão.

Os olhos eram vazados
Como se fossem a vazante do rio,
E um arrepio na retina
Abriu o riso enquanto o olho era marejado.

Existiu o engasgo
Na narrativa daquela mulher
Que quando menina mergulhava
Nas águas do rio das lavadeiras.

Era uma brincadeira,
A vida era arisca, mas existia compensação:
O coração já estava distante no instante
Da narrativa costurada com os cheiros
De ontem.

Ela lembrava da mãe, dos irmãos,
Das amigas
E do cheiro de roupa lavada.

As memórias foram estendidas no varal,
Depois recolhidas
Como o corpo da contadora
Que tecia os fios lá da subjetividade
E tudo, aos poucos, se acomodava
Com o olhar
Da necessidade de um copo d'água.

De repente foi assim.

¹ Mossoroense, poeta, mestrando do PPGCISH-UERN.



POEMA DE MIM

Sou um poema
Do inacabado, arraigado
De memórias: é preciso inalar a mim
Para poder me ter...

Sou um poema
De verso livre,
Mas também ultrajado
Pelo fardo da solidez.

Não me esqueça,
Não me deixe debaixo
Da sua ignorância.

Sou motivado pelas narrativas...

É só me excitar,
É só despertar a libido em mim.
Sorva-me pela língua!

Sou um poema
De palato e de visão....
O meu discurso ultrapassa o tempo.

O vento me faz biográfico,
Eu narro a mim mesmo,
Eu sou reverso entre as linhas,
A minha tinha é existir.

Assim como as flores,
Existe na minha subjetividade
A tensa necessidade de desabrochar:
Exalar essa fragrância
Que me faz totalmente único!

Um poema, livre,
De amarras e contendias...

Eu desenho a vida
Nessas fantasias
Sinestésica
Como as gotas da chuva caídas
No solo seco de desejo
De poder florir...

Sou um poema....